



MONTANHA DO  
ALTO MINHO *IN LOCO*

# AGRO-SILVO-PASTORÍCIA, FLORESTA E BIODIVERSIDADE







## MONTANHA DO ALTO MINHO *IN LOCO*

# AGRO-SILVO-PASTORÍCIA, FLORESTA E BIODIVERSIDADE



**FICHA TÉCNICA:**

Editor:	ARDAL (Associação Regional de Desenvolvimento do Alto Lima)
Título:	MONTANHAS DO ALTO MINHO <i>IN LOCO</i> AGRO-SILVO-PASTORÍCIA, FLORESTA E BIODIVERSIDADE
Autores:	Nogueira, Joana (ESA-IPCV, UI proMetheus) Simões, Sara (ARDAL, UI proMetheus) Araújo, José Pedro (ESA-IPVC; CIMO; CISAS) Santos, José Carlos (ESA-IPVC; UI proMetheus) Santos, Aurora (ESA-IPVC)0
Entidades Parceiras:	ARDAL - Associação Regional de Desenvolvimento do Alto Lima ESA/IPVC - Instituto Politécnico de Viana do Castelo - Escola Superior Agrária CIM AM - Comunidade Intermunicipal do Alto Minho AFL - Associação Florestal do Lima CAAVPB - Cooperativa Agrícola de Arcos de Valdevez e Ponte da Barca ASCRS - Associação Sócio-Cultural e Recreativa de Sistelo TCV - Território com Vida, Associação
Equipa Técnica:	Pedro Teixeira (ARDAL). Coordenador Joana Nogueira (ESA-IPVC; UI proMetheus). Coordenadora Amaro Amorim (CAAVPB) Aurora Santos (ESA-IPVC) Catarina Brito (ARDAL) Cristina Rodrigues (ARDAL) Dulce Mota (AFL) José Carlos Santos (ESA-IPVC) José Pedro Araújo (ESA-IPVC; CIMO) Liliana Neves (ASRC Sistelo) Luísa Garcia (CIM-Alto Minho) Otilia Xavier (ARDAL) Sara Simões (ARDAL)
Conceção gráfica:	jotasá
Depósito Legal:	484347/21
ISBN:	978-989-54213-9-8

## Nota prévia

As regiões de montanha abrangem territórios que apresentam especificidades próprias, baseadas numa estreita e forte relação entre as populações residentes, a natureza e os ecossistemas rurais, devendo merecer a adoção de medidas bem estruturadas e abrangentes, que garantam os estímulos e o suporte necessários à atividade e ao desenvolvimento das populações locais.

Desde a sua génese, o projeto *Acontece in Loco* procurou ser fiel à necessidade de valorizar os conhecimentos e as experiências das gentes da montanha, particularizada numa aldeia como Sistelo, que testemunha os desafios, as necessidades e os anseios destas populações. Gentes que desempenham um importante papel na conservação dos espaços e territórios rurais, assim como na manutenção das paisagens e do património natural e construído.

A pequena agricultura familiar, a pecuária e a floresta são cruciais para a valorização destas regiões, assim como a designada atividade agro-silvo-pastoril, baseada na exploração pecuária em regime extensivo, onde as raças autóctones, bem adaptadas ao relevo e ao clima, potenciam um conjunto de serviços de ecossistema, contribuindo para a biodiversidade, controlo de vegetação espontânea, prevenção de incêndios e para a sustentabilidade destes territórios.

Assim, torna-se imperativo que um conjunto diverso de organizações e entidades trabalhem articuladamente em prol das populações e destas desfavorecidas regiões de montanha. É igualmente legítimo e justo esperar uma maior sensibilização dos agentes políticos, nacionais e regionais, no sentido de definirem e promoverem medidas que estimulem o desenvolvimento social e económico das famílias rurais e dos territórios de montanha, que prestam importantes serviços, muitas vezes difíceis de quantificar e valorar. Este é o propósito de organizações associativas, como a Cooperativa Agrícola de Arcos de Valdevez e Ponte da Barca e a Associação Florestal do Lima, que representam a grande maioria dos produtores agrícolas e florestais da sua área geográfica de atuação.

*José Carlos Ribas Gonçalves*

*Presidente da Direção – Cooperativa Agrícola de Arcos de Valdevez e Ponte da Barca*

*Presidente da Direção – Associação Florestal do Lima*

# Índice

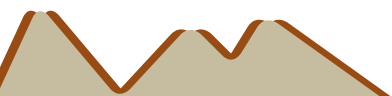
Nota prévia .....	III
Índice de Figuras .....	V
Índice de Quadros .....	V
Preâmbulo .....	VII
<b>1. Introdução</b> .....	1
<b>2. A montanha do Alto Minho: territórios agro-silvo-pastoris</b> .....	3
A montanha: um espaço onde o rural continua a ser agrícola .....	4
Agro-silvo-pastorícia: um casamento feliz entre o campo e a serra .....	6
<b>3. Projeto <i>Acontece in Loco</i></b> .....	9
<b>4. Agro-silvo-pastorícia numa comunidade de montanha</b> .....	11
Agricultura e pastorícia na montanha: quem beneficia? .....	12
Criador de gado e pastor: de destino a opção?.....	15
A viabilidade económica e social da agro-silvo-pastorícia .....	21
<b>5. Perspetivas futuras</b> .....	25
<b>6. Referências</b> .....	32
<b>7. Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos</b> .....	32

## Índice de Figuras

Figura 1. Horta familiar nos socalcos .....	1
Figura 2. Criadoras com os seus bovinos .....	1
Figura 3. Delimitação da montanha no Alto Minho .....	3
Figura 4. Enquadramento agrícola e não agrícola das famílias residentes em territórios do Alto Minho .....	5
Figura 5. Peso do emprego agrícola e não agrícola em territórios do Alto Minho .....	6
Figura 6. Gado bovino em pastagens de altitude, no Baldio de Sistelo .....	7
Figura 7. Campos com erva e com medas de feno para alimentação animal .....	8
Figura 8. Roda de Conversa sobre a agro-silvo-pastorícia em Sistelo .....	10
Figura 9. Mosaico agroflorestal de montanha .....	10
Figura 10. Panorâmica da XV Feira de Gado de Portela de Alvite 2019 .....	12
Figura 11. Cartaz e Programa da Feira .....	12
Figura 12. A quem traz benefícios o cultivo e com o pastoreio na montanha, na percepção dos inquiridos .....	13
Figura 13. Contraste entre campos cultivados e encosta onde o abandono de socalcos permitiu o avanço da floresta .....	14
Figura 14. Diminuição do número de explorações com bovinos no Alto Minho e em Sistelo .....	16
Figura 15. Do tradicional ao moderno – criadores de gado na Branda do Alhal .....	17
Figura 16. Evolução do número de cabeças de bovinos no Alto Minho e em Sistelo .....	17
Figura 17. Rebanho e capril da 5ª Lógica (empresa inovadora em Sistelo) .....	18
Figura 18. Entrejuda entre vizinhos na condução de vitelos entre a branda e o lugar .....	19
Figura 19. Distribuição dos criadores de gado e dos bovinos por tamanho dos efetivos na exploração em 2019 .....	20
Figura 20. Bovinos criados em Sistelo quanto à sua raça, em 2017 .....	22
Figura 21. Áreas geográficas de produção das DOP de carne de bovino que incluem a montanha do Alto Minho .....	23
Figura 22. Corte tradicional (Padrão) .....	24
Figura 23. Estábulo na Branda do Alhal .....	24
Figura 24. Campo privado na Branda do Alhal .....	26
Figura 25. Criador a vigiar os seus animais numa área de matos no Baldio .....	26
Figura 26. Objetivos da Estratégia “Do Prado ao Prato” da União Europeia .....	27

## Índice de Quadros

Quadro 1. Diminuição da população agrícola familiar no Alto Minho .....	5
Quadro 2. Principais discursos das pessoas de Sistelo sobre os benefícios locais da manutenção da atividade agro-silvo-pastoril .....	13
Quadro 3. Principais discursos das pessoas de Sistelo sobre os benefícios alargados da manutenção da atividade agro-silvo-pastoril .....	14
Quadro 4. Produtores pecuários, área de baldio e efetivos animais, por lugar, em 2019 .....	18
Quadro 5. Critérios de idade e peso definidos nos cadernos de especificações para carne de vitela .....	23





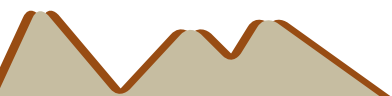
## Preâmbulo

Este pequeno livro faz parte de uma coleção de quatro publicações que reúne informação que se destina principalmente às pessoas que vivem e trabalham na montanha. Estamos conscientes de que estes territórios enfrentam grandes desafios. Ao partilhar os resultados do projeto *Acontece in Loco* com as comunidades locais de montanha queremos retribuir as ideias e informações que conosco partilharam. Referindo-se a estudos e trabalhos anteriores alguém nos disse, em Sistelo, que “*raramente são explicados às pessoas de cá*”. Esta é uma realidade que queremos mudar, para termos montanhas vivas e comunidades resilientes.

A coleção Montanha do Alto Minho *in loco* inclui quatro cadernos temáticos:

- (1) Viver e Trabalhar;
- (2) Agro-silvo-pastorícia, Floresta e Biodiversidade;
- (3) Turismo sustentável;
- (4) Governança territorial.

Estas publicações permitem igualmente dar a conhecer a realidade de uma aldeia de montanha, nas suas várias dimensões, a um público mais amplo. Pretende-se sensibilizar a sociedade para a especificidade destes territórios e sublinhar a importância das suas múltiplas funções, dando particular relevo à voz das pessoas que lá vivem e trabalham.



## 1. Introdução

O projeto *Acontece in Loco* – Montanha do Alto Minho reuniu sete entidades que decidiram trabalhar em parceria e com as comunidades locais, para pensar o presente e o futuro das aldeias de montanha do Alto Minho. Os sete parceiros deste projeto foram: Associação Regional de Desenvolvimento do Alto Lima (AR-DAL); Instituto Politécnico de Viana do Castelo (Escola Superior Agrária); Cooperativa Agrícola de Arcos de Valdevez e Ponte da Barca CRL.; Associação Florestal do Lima (AFL); Associação Território com Vida; Comunidade Intermunicipal do Alto Minho (CIM-AM) e Associação Sociocultural e Recreativa de Sistelo.

As aldeias de montanha são espaços de vida e de trabalho de comunidades que têm sido capazes de resistir às condições difíceis que as serras representam. Por outro lado, as montanhas são cada vez mais procuradas para atividades de turismo e de lazer. São também reconhecidas pelos benefícios ecológicos que proporcionam às regiões envolventes. Todas estas funções da montanha dependem das pessoas que lá vivem e trabalham, como iremos evidenciar. No centro do trabalho destas comunidades está a agro-silvo-pastorícia. Esta atividade, com origens ancestrais, inclui o cultivo de terras, a criação de gado e a utilização das áreas de monte para pastoreio.



Figura 1. Horta familiar nos socialcos



Figura 2. Criadoras com os seus bovinos

Os territórios da montanha têm vindo a perder população e, comparativamente ao passado, são hoje bastante menos as pessoas que se dedicam à atividade agro-silvo-pastoril. Sem as gentes das serras e sem agricultura e pastorícia há produtos alimentares únicos e diferenciados que deixarão de existir. Também as paisagens de grande beleza, criadas e mantidas durante séculos pelas gentes da

montanha, se irão transformar e perder o seu atual valor. Há que reverter estas tendências, e encontrar formas para que novos projetos, sonhos e pessoas venham povoar a montanha.

O projeto *Acontece in Loco* – Montanha do Alto Minho nasceu com esse objetivo, e também com a ideia de que para encontrar as soluções para o problema é muito importante ouvir e envolver quem vive e trabalha na montanha. O projeto foi possível de realizar por ter obtido aprovação e financiamento do Estado através da medida “Observação da Agricultura e dos Territórios Rurais” do Programa de Desenvolvimento Rural 2020 (PDR2020), no quadro da Rede Rural Nacional.

Definiram-se três objetivos específicos deste projeto:

- 1 – **Cooperar para melhor intervir na Montanha do Alto Minho:** trabalho em equipa das entidades parceiras, incluindo as comunidades locais.
- 2 – **Testar metodologias para monitorizar a Montanha do Alto Minho,** aprofundar o conhecimento que temos da montanha, ouvindo e consultando as pessoas e as organizações locais e recolhendo dados.
- 3 – **Valorizar e disseminar o conhecimento para potenciar a inovação** – assegurar que os resultados do projeto chegam a vários públicos, dentro e fora da montanha.

A freguesia de Sistelo foi escolhida como caso de estudo. Foi nesta freguesia que ao longo de dois anos realizámos várias atividades de campo e de recolha de informação. Esta publicação foca-se num dos temas abordados – Agro-silvo-pastorícia, Floresta e Biodiversidade. Além deste caderno temático há outros três, centrados em: Viver e Trabalhar na Montanha; Turismo Sustentável na Montanha e Governança Territorial na Montanha. Para consulta das outras publicações e também de vídeos e imagens que dão conta das atividades realizadas com a comunidade de Sistelo remetemos para o site <http://www.aconteceinloco.altominho.pt/>.

## 2. A montanha do Alto Minho: territórios agro-silvo-pastoris

No Alto Minho as elevações do relevo formam um anfiteatro virado para o Atlântico, desde a Serra D'Arga mais litoral, passando pelas zonas mais altas de Ponte de Lima e Paredes de Coura, até se elevar imponentemente no planalto de Castro Laboreiro e nas Serras da Peneda, do Soajo e Amarela, já em pleno Parque Nacional da Peneda-Gerês (Figura 3). Estes territórios de montanha ocupam cerca de 39% da superfície territorial da região, e têm características muito próprias, em termos naturais e paisagísticos, socioculturais e económicos. Ao longo da história, e principalmente nos tempos mais recentes, tem-se transformado o modo como as gentes do Alto Minho ocupam e usam o espaço. As freguesias de montanha têm vindo a perder população, as comunidades estão mais envelhecidas e há também mudanças nas atividades económicas, sendo significativo o risco de abandono de áreas agrícolas e outros patrimónios.

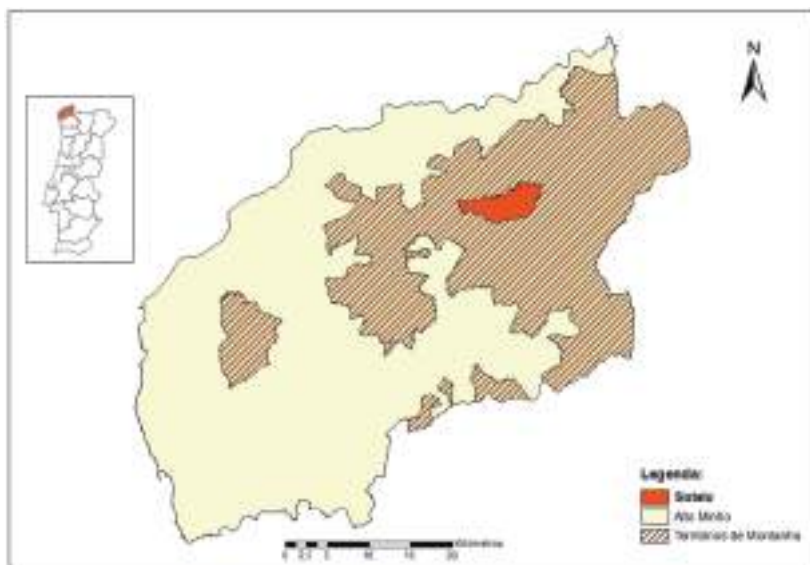


Figura 3. Delimitação da montanha no Alto Minho.

Estas tendências preocupam a sociedade e os responsáveis políticos, havendo já diversos trabalhos onde se sublinha a importância da montanha e se definem estratégias a seguir para revitalizar e valorizar as aldeias de montanha. A Comunidade Intermunicipal do Alto Minho (CIM-AM), que integra os dez mu-

nícios da região, promoveu uma série de reflexões e debates públicos sobre o desenvolvimento da região a que se chamou “Alto Minho – Desafio 2020”. Nestas iniciativas, onde se definiu a estratégia de desenvolvimento até 2020, destacou-se a forte vocação rural e natural da região. As atividades do agroalimentar, da floresta e do mar - aliadas ao turismo rural, de natureza e náutico – foram destacadas nesta estratégia (Mateus, 2013). Já na presente década, a CIM-AM promoveu um estudo sobre a paisagem que resultou numa Estratégia Regional para a Paisagem do Alto Minho (ERPAM). Neste estudo identificaram-se 12 unidades de paisagem diferenciadas na região, que foram avaliadas quanto ao seu valor ecológico. A montanha, o mosaico agroflorestal de montanha e as serras litorais obtiveram elevadas classificações de valor ecológico (Alves e Graça, 2019). O documento completo da ERPAM, editado pela CIM-AM, está disponível para leitura em: <https://pt.calameo.com/read/0019945159d6450146f8c>.

Os territórios de montanha são reconhecidamente importantes para a região, contribuindo para o bem-estar e para a competitividade do Alto Minho dentro de uma lógica de desenvolvimento sustentável. Esse contributo inclui funções produtivas, de conservação da natureza e de recreio. As comunidades locais, com a sua cultura e atividades, são essenciais para que este papel da montanha seja mantido e até reforçado. As comunidades de montanha conseguiram trazer até hoje modos de organização social e económica muito ligados à natureza, tirando dela partido sem a degradar. Esta dependência dos recursos naturais foi vista, durante décadas, como um problema. Atualmente começa a ser entendida como uma oportunidade a aprofundar, e que pode vir a trazer muitas vantagens às aldeias de montanha e à região.

### **A montanha: um espaço onde o rural continua a ser agrícola**

A ligação das pessoas à terra, aos recursos naturais e à paisagem era muito mais intensa e evidente quando grande parte da população vivia no meio rural, e dependia da agricultura para se alimentar e para obter rendimentos. O Alto Minho é uma das regiões do país em que a pequena agricultura familiar sempre teve uma enorme importância, desde o vale à montanha, do litoral ao interior. Com a industrialização e a expansão dos serviços, muita gente deixou a agricultura como ocupação principal, mas continuou a viver no campo e com ligação às terras. Nas últimas décadas houve um maior afastamento entre as pessoas e

a agricultura, como mostra a diminuição da População Agrícola Familiar, isto é, o número de pessoas que têm a sua casa integrada numa exploração agrícola (Quadro 1). No final dos anos 1980 havia 43% de pessoas que viviam numa exploração agrícola, valor que desceu para 16% em 20 anos.

Quadro 1. Diminuição da população agrícola familiar no Alto Minho

	1989/1991	1999/2001	2009/2011
POPULAÇÃO AGRÍCOLA FAMILIAR (PAF)	108 018	57 799	37 989
POPULAÇÃO RESIDENTE (POP)	250 059	250 275	244 836
PAF / Pop (%)	43	23	16

Fonte: INE, Censos 1991, 2001 e 2011, e Recenseamentos Agrícolas de 1989, 1999 e 2009

Os territórios de montanha, no entanto, são espaços onde grande parte das pessoas mantém ainda uma forte ligação à agricultura, por viverem em contextos familiares em que alguns dos membros da família têm atividade agrícola. Nalgumas freguesias, como Sistelo, essa ligação envolve quase toda a comunidade (Figura 4).



Figura 4. Enquadramento agrícola e não agrícola das famílias residentes em territórios do Alto Minho

O que foi dito relativamente à ligação das famílias à agricultura não tem igual importância quando pensamos na atividade profissional principal, isto é, no emprego. Muitas das pessoas que têm algumas terras e vivem no campo combinam a atividade agrícola com outras profissões. O número de pessoas que exerce na agricultura a sua profissão principal é bastante menor e tem diminuído muito ao longo do tempo. Se o emprego agrícola tem pouca expressão nas zonas mais urbanizadas, correspondendo apenas a 4% do emprego do Alto Minho, na montanha ainda mantém um peso importante, chegando a ser a mais relevante nalgumas freguesias (Figura 5). Em Sistelo, no último recenseamento, 27% dos empregos totais estavam na agricultura.



Figura 5. Peso do emprego agrícola e não agrícola em territórios do Alto Minho

### **Agro-silvo-pastorícia: um casamento feliz entre o campo e a serra**

A agricultura praticada na montanha é bastante diferente da que se faz nas terras mais férteis e planas dos vales ou mesmo na meia encosta. A montanha distingue-se pela menor abundância de terras aráveis e por um clima mais rigoroso. O cultivo apenas é possível em pequenas chãs de altitude, nas brandas, ou em socalcos na proximidade dos lugares, conquistados à serra por um intenso e árduo trabalho humano ao longo de gerações. Se as terras aráveis são poucas, e de difícil lavoura, em contrapartida as serras proporcionam uma grande extensão de áreas de matos, de prados seminaturais e de áreas florestadas. Estas extensões são propícias à pastorícia que tem sido, desde a pré-história, a principal atividade nestes territórios (Aguiar *et al.*, 2009).





Figura 6. Gado bovino em pastagens de altitude, no Baldio de Sistelo

As comunidades de montanha usam as áreas cultivadas e as áreas de monte com sistemas de produção vegetal e animal que se interligam, o que lhes permite aproveitar da melhor forma os recursos naturais locais. Neste sistema há propriedades privadas (os campos e as bouças), e propriedades coletivas - os baldios (o monte) e os regadios (as águas e as levadas). A floresta divide-se entre as bouças e o baldio. Neste último, além de algumas zonas florestadas com carvalhos e outras espécies autóctones, existem também plantações realizadas em meados do século XX, pelo Estado Novo.

A pastorícia nas serras do noroeste do país assentava, no passado, em grandes rebanhos de pequenos ruminantes (cabras e ovelhas, designadas de “rês”), mas teve sempre uma importante componente de gado bovino (“gado”). São também o solar de equinos da raça Garrana. No sistema tradicional, que ainda se mantém em várias aldeias de montanha do Alto Minho, o pastoreio na serra garante, durante grande parte do ano, uma parte importante da alimentação animal. Nos campos, para além de alimentos, produz-se milho e feno para a alimentação animal. A interligação entre a produção vegetal e a pecuária é reforçada pela prática habitual de incorporação de estrume nos campos, obtido a partir de mato roçado nas serras e utilizado para fazer as camas dos animais. Com este estrume mantém-se a fertilidade das terras agrícolas ao longo do tempo. Pode

dizer-se que o casamento entre os campos e a serra é garantido pela atividade pecuária extensiva. Para que este casamento continue a ser feliz, e a sustentar um conjunto de valores culturais, económicos, paisagísticos e naturais, interessa acompanhar as suas dinâmicas.

A atividade agro-silvo-pastoril tem vindo a merecer cada vez mais interesse à medida que se são mais valorizados os seus impactos positivos. Na Estratégia Regional da Paisagem do Alto Minho, já anteriormente referida, foi expressamente reconhecida a importância da atividade pastoril das zonas de altitude pelo seu contributo para a elevada biodiversidade e qualidade paisagística (Alves e Graça, 2019). Outros estudos recentes, realizados em montanhas de várias zonas do país, também confirmam que a conservação da natureza e da biodiversidade são favorecidas pela manutenção desta atividade tradicional (Aguiar *et al.*, 2009; Moreira e Lomba, 2017; Honrado *et al.*, 2017). Um dos principais benefícios do pastoreio nas zonas montanhosas é a redução dos riscos de incêndio, cada vez mais agravados pelas alterações climáticas. Saliente-se o caso da Serra da Estrela, onde:



Figura 7. Campos com erva e com medas de feno para alimentação animal

“O abandono das terras agrícolas e das atividades de pastoreio, a par da florestação com espécies não autóctones e pouco resilientes ao fogo, têm vindo a criar espaço para a expansão de matos e matagais, que alimentam e se alimentam dos incêndios florestais.” (Madureira *et al.*, 2013: 21)

Para além da produção de alimentos de qualidade e do seu contributo para manter a biodiversidade e os equilíbrios naturais, a agro-silvo-pastorícia é igualmente fundamental pelo modo como contribui para manter paisagens com elevado valor turístico. No caso de Sistelo esta ligação é particularmente evidente.

A continuidade da atividade agro-silvo-pastoril na montanha do Alto Minho deve ser, portanto, um assunto prioritário. Para manter esta atividade há que ter em conta as suas dinâmicas, mas também as das comunidades onde vivem e trabalham os agricultores e criadores de gado. Foi essa a abordagem desenvolvida no projeto *Acontece in Loco*.

### **3. Projeto *Acontece in Loco***

O projeto *Acontece in Loco* desenvolveu-se a uma escala microterritorial, na freguesia de Sistelo, concelho de Arcos de Valdevez. O trabalho de campo foi realizado em 2018 e 2019. Foram numerosas as visitas e as conversas que nos levaram a Sistelo, e em cada uma delas houve sempre algo de novo para aprender. Para ir mais longe na recolha de informação organizámos várias rodas de conversa, no salão da Junta de Freguesia de Sistelo. Em cada roda de conversa procurámos que estivessem pessoas dos vários lugares da freguesia, homens e mulheres, mais jovens e mais velhos. Numa fase seguinte realizámos inquéritos por questionário a 48 das 93 famílias residentes, visitando-as nas suas casas e tendo o cuidado de incluir pessoas de todos os seis lugares da freguesia (Igreja, Padrão, Porto Cova, Portela de Alvite, Estrica e Quebrada). Também foram inquiridos proprietários de restaurantes e alojamentos turísticos locais, pessoas que visitaram Sistelo e monitorizou-se o número de passagens na Ecovia do Vez. Além destas técnicas de recolha de informação, tivemos a oportunidade de acompanhar as pessoas em várias das múltiplas tarefas agrícolas e pecuárias que realizam ao longo do ano.



Figura 8. Roda de Conversa sobre a agro-silvo-pastorícia em Sistelo

Para melhor compreender a atividade agro-silvo-pastoril e as suas múltiplas funções foi essencial ouvir a comunidade local, assim como técnicos e dirigentes de um conjunto de entidades do setor. Realizaram-se entrevistas envolvendo o Instituto Nacional da Conservação da Natureza e Florestas, a Associação de Criadores de Raça Cachena, a Associação de Criadores de Raça Barrosã, a Associação Florestal Vales Minho Coura Ancora Vez Lima – Atlântica, a Cooperativa Agrícola de Arcos de Valdevez e Ponte da Barca e a Associação Florestal do Lima.



Figura 9. Mosaico agroflorestal de montanha

A abordagem do projeto Acontece in Loco na freguesia de Sistelo procurou abarcar as várias dimensões da vida, do trabalho e dos usos do território na montanha, considerando que todas são relevantes para as comunidades locais e para a sua integração na região. A atividade agro-silvo-pastoril, pela sua importância económica, social e ambiental, tem um papel central nestes territórios. Pelo modo como usa as terras – cultivadas e de monte – torna-se organizadora e influente ao nível da gestão das áreas florestais e da conservação da natureza.

Todo este trabalho de campo, envolvendo os vários parceiros e a comunidade local, permitiu-nos chegar a um conjunto de resultados, que aqui partilhamos.

#### **4. Agro-silvo-pastorícia numa comunidade de montanha**

A atividade agro-silvo-pastoril continua a ser um elemento central da comunidade de Sistelo e um aspeto a que torna diferente de muitas outras aldeias rurais. É igualmente verdade que esta atividade, que no passado era comum a todas as famílias locais, tem vindo ocupar cada vez menos pessoas na freguesia. Já mencionámos vários dos aspetos que tornam esta atividade fundamental para um conjunto de valores e serviços de interesse alargado. Recordemos os seguintes: maior valor da paisagem, conservação da natureza e da biodiversidade, maior resistência ao fogo dos espaços florestais pastoreados, obtenção de produtos alimentares de qualidade, valores culturais ligados aos saberes, tradições e demais património rural e, não menos importante, contribuir para manter pessoas, empregos e dinamismo nos territórios de montanha. A Feira Tradicional da Portela de Alvite de 2019 (Figuras 10 e 11) é uma evidência deste dinamismo. Destacamos a forma como as comunidades de Sistelo e Merufe conseguiram aliar a tradição agro-silvo-pastoril a um evento desportivo, trazendo o seu público tradicional à feira de gado e à festa, mas atraindo também o público mais jovem com o “Socalcos Trail”.

Interessa aprofundar o conhecimento das dinâmicas recentes da atividade à escala local, integrando neste estudo a perspetiva das pessoas da comunidade, no seu todo, e a dos próprios criadores de gado.



Figura 10. Panorâmica da XV Feira de Gado de Portela de Alvite 2019



Figura 11. Cartaz e Programa da Feira

## Agricultura e pastorícia na montanha: quem beneficia?

Uma das questões que considerámos importante foi perceber em que medida é que a comunidade de Sistelo avalia a extensão dos benefícios que resultam de manter a agricultura e a pastorícia na montanha. Perguntámos às pessoas de Sistelo, através do questionário às famílias (QFam), a quem chegam os benefícios dessas atividades, distinguindo entre o cultivo dos campos e o pastoreio nos montes (Figura 12). Os resultados mostram que uma maioria dos sistelenses reconhece que a manutenção dos campos cultivados – e estamos a referir-nos principalmente aos socalcos – origina benefícios que vão muito além da própria freguesia. O facto de os socalcos de Sistelo terem adquirido o estatuto de atração turística, e o reconhecimento da Paisagem Cultural de Sistelo como Monumento Nacional, terão contribuído para esta avaliação. No que se refere ao pastoreio nos montes, as pessoas de Sistelo reconhecem um maior concentração de benefícios locais.

Para conhecermos melhor as percepções da comunidade relativamente aos benefícios que a atividade agro-silvo-pastoril produz a nível local e a nível regional, ou mesmo nacional, nada melhor do que ouvir as pessoas, apresentando as suas próprias palavras (de forma anónima, indicando apenas se foram ditas por homem ou mulher, H ou M, e a sua idade).

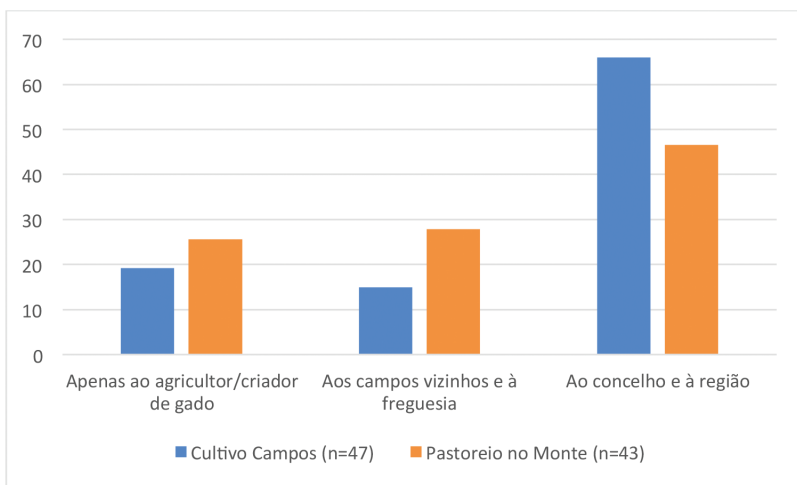


Figura 12. A quem traz benefícios o cultivo e com o pastoreio na montanha, na percepção dos inquiridos

Fonte: QFam

As terras cultivadas à volta das aldeias trazem várias vantagens para o bem-estar das pessoas que vivem em Sistelo, desde uma maior alegria e sentido de orgulho pela beleza da paisagem, até a um sentimento de maior proteção das casas e dos lugares relativamente ao avanço da floresta e dos animais selvagens.

Quadro 2. Principis discursos das pessoas de Sistelo, sobre os benefícios locais da manutenção da atividade agro-silvo-pastoril

Ideias centrais	Palavras em discurso direto
Mais orgulho pela aldeia e maior qualidade de vida	<p>“Nós fomos criados nisto; para poder ver bonito; é um gosto para nós (ter as nossas coisinhas limpas)” (M, 66)</p> <p>“A zona já parece outra coisa, até traz mais alegria só com olhar para os campos semeados” (H, 73)</p> <p>“Continuar a aldeia com vida, os campos a produzir, toda a gente lucra com isso” (H, 68)</p> <p>“Vida na montanha, limpeza pelos rebanhos, produção de riqueza, e, para quem gosta é um trabalho feliz.” (H, 68).</p>
Mais segurança perante fogo e feras	<p>“Se ficar ao abandono vai ser só silvas, cobras e bichos” (M, 70)</p> <p>“[O abandono dos socalcos e a avanço da floresta] é risco de morte, porque perdemos o nosso anel de proteção.” (H, 41)</p> <p>“É bom para o lugar, se não estiverem limpos pode haver fogo, estando trabalhados e verdinhos é bom para os animais e para tudo” (M, 46)</p> <p>“A serra sem os animais não presta: cobre, fica selvagem, os animais mantêm limpo” (H, 81)</p>



Figura 13. Contraste entre campos cultivados e encosta onde o abandono de socalcos permitiu o avanço da floresta

Para além dos benefícios à escala local atrás mencionados, os sistelenses identificam outros que chegam bem mais longe, e que incluem os produtos alimentares, a conservação da paisagem e da natureza, e o seu valor turístico.

Quadro 3. Principais discursos das pessoas de Sistelo, sobre os benefícios alargados da manutenção da atividade agro-silvo-pastoril

Ideias centrais	Palavras em discurso direto
Produção alimentar de qualidade	<p><i>“...alimentação mais saudável” (M, 60)</i></p> <p><i>“Traz carne para o concelho e para o país, carne de Cachena” (H, 67)</i></p>
Conservação da paisagem/Atração turística	<p><i>“Paisagem mais bonita (de resto não dá grande coisa)” (M, 50)</i></p> <p><i>“Traz vantagens aos turistas, fica bonito e limpo para eles verem (M, 47)</i></p> <p><i>“A imagem que temos no mundo é a imagem dos socalcos, não é a imagem da ecovia” (H, 29)</i></p>
Conservação da biodiversidade e dos ecossistemas	<p><i>(...) colaboração para a biodiversidade” (H, 60)</i></p> <p><i>“manter o lobo e o ecossistema” (M, 49)</i></p>



Na apreciação que a comunidade faz dos benefícios da atividade agro-silvo-pastoril entram, como já vimos, a produção de bens alimentares, o embelezamento da paisagem e a conservação da biodiversidade. Os produtos alimentares são bens que se podem consumir ou vender no mercado. Já o embelezamento da paisagem e a conservação da biodiversidade são como que efeitos secundários da atividade agro-silvo-pastoril. Estes efeitos são cada vez mais valorizados por toda a sociedade, por contribuírem para a manutenção de serviços de ecossistema. Como parte cada vez mais importante do valor da atividade, estes serviços deverão ser cada vez mais integrados nas práticas agrícolas e na forma de as avaliar e comunicar. Uma mudança na direção de uma agricultura mais conscientemente agroecológica, que terá sempre de envolver a comunidade e os criadores de gado, as suas organizações e as entidades que regulam e apoiam os agricultores. Ao dar mais atenção aos serviços de ecossistema ligados à atividade, haverá mais oportunidades de rendimento para os agricultores diretamente ligadas aos consumidores, aos visitantes e a outros públicos interessados. Esta aposta já foi concretizada na 5ª Lógica, cuja atividade empresarial se define como “Caprinicultura em regime extensivo, preservação e gestão de bens culturais e ambientais”, com atividade em Sistelo.

Uma maior orientação da agro-silvo-pastorícia para os serviços de ecossistema interliga-se com a noção de multifuncionalidade da atividade, que está na base de um conjunto de apoios da Política Agrícola Comum (PAC). Nada melhor para defender a importância destes apoios do que um maior envolvimento da comunidade e dos criadores de gado na demonstração in loco dos bons serviços que alcancem na gestão do solo, da vegetação, da biodiversidade e da paisagem.

### **Criador de gado e pastor: de destino a opção?**

No passado, quando as opções de vida eram poucas, quem nascia na montanha cedo começava a dedicar-se ao trabalho agrícola e pastoril, e nele se mantinha ao longo da vida. Mesmo durante a vaga de emigração dos anos 1960/70, muitas famílias mantiveram a sua atividade: os homens emigravam e a casa, as terras e o gado ficavam a cargo das mulheres e das crianças na aldeia. Nas últimas décadas foram-se diversificando as alternativas profissionais – fora ou dentro do país – havendo cada vez menos gente a dedicar-se à agro-silvo-pastorícia. As condições adversas da montanha, os baixos rendimentos desta atividade e uma certa desvalorização social da profissão contribuíram para esta tendência.

Ainda assim há quem o faça. Cada vez menos como um destino, e mais como uma opção. Há várias formas de estar nesta atividade:

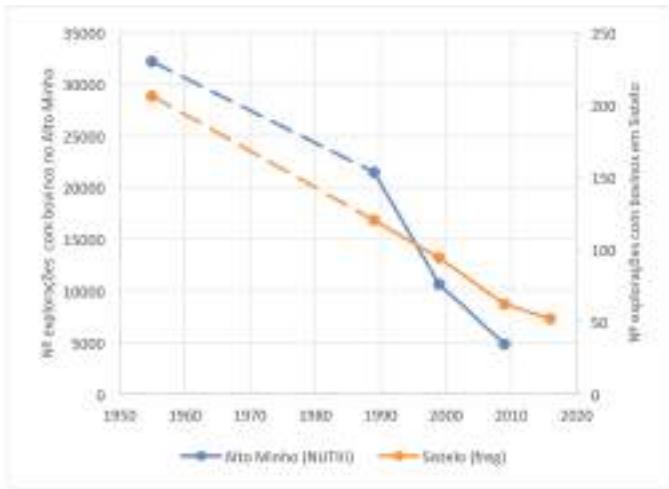


Figura 14. Diminuição do número de explorações com bovinos no Alto Minho e em Sistelo.  
Fontes: INE, Recenseamentos Agrícolas 1955-1989-1999-2009; DGAV, 2016

- (1) Como modo de ocupar e tornar produtivo o tempo que fica mais livre ao entrar na reforma;
- (2) Como atividade secundária, complementar de outra profissão fora da agricultura;
- (3) Como escolha profissional principal e obtendo daí a maior parte dos rendimentos.

Cada um destes modos de estar na agro-silvo-pastorícia tem as suas particularidades, e está mais perto ou mais distante das práticas tradicionais. Há algumas mudanças mais gerais que são comuns:

- (1) menor disponibilidade de mão-de-obra;
- (2) diminuição dos efetivos de pequenos ruminantes (cabras e ovelhas);
- (3) maior especialização em gado bovino;
- (4) maior mecanização das operações agrícolas e recurso a transportes motorizados;
- (5) maior utilização de fatores de produção obtidos fora da exploração (sementes, fertilizantes, fitofármacos, rações, etc.);
- (6) maior utilização de serviços externos (sanidade, contabilidade, etc.).



Figura 15. Do tradicional ao moderno – criadores de gado na Branda do Alhal.

Interessa ter em conta que, no caso específico da criação de gado bovino em Sistelo, os últimos anos são de recuperação no que se refere ao efetivo de bovinos.

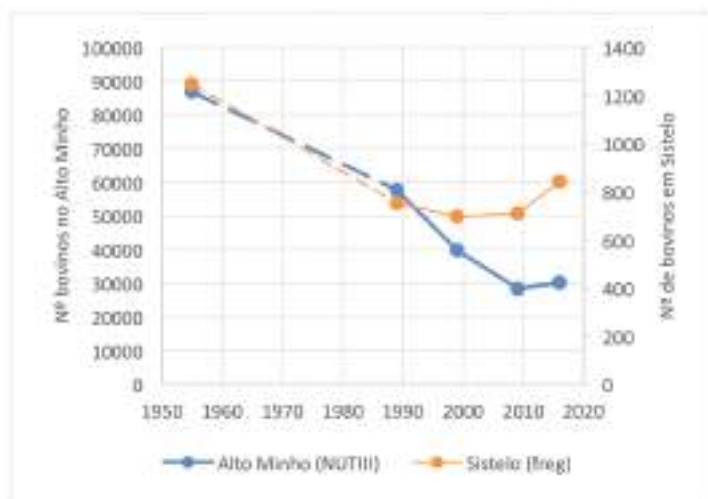


Figura 16. Evolução do número de cabeças de bovinos no Alto Minho e em Sistelo.  
Fontes: INE, Recenseamentos Agrícolas 1955-1989-1999-2009; DGAV, 2016

Os produtores pecuários distribuem-se pelos vários lugares de Sistelo, havendo uma maior concentração em Padrão e Igreja. Como se pode confirmar, o número de cabras e ovelhas é atualmente reduzido, principalmente em comparação com tempos passados. No Recenseamento Agrícola de 1955 foram contabilizadas mais de 2500 cabeças de pequenos ruminantes em Sistelo, para um total atual de menos de 200. O número de bovinos, embora inferior ao de meados do século passado (1246 no Recensamento Agrícola de 1955), conseguiu manter-se num valor sempre importante, tendo até recuperado a partir da entrada no século XXI.

Quadro 4. Produtores pecuários, área de baldio e efetivos animais, por lugar, 2019

Lugar	N.º produtores pecuários	Área de baldio para pastoreio (ha)	Bovinos (n.º)	Caprinos (n.º)	Ovinos (n.º)
<b>Padrão</b>	23	489	598	0	0
<b>Igreja</b>	19	98	67	65	65
<b>Porto Cova</b>	6	156	175	0	0
<b>Estrica</b>	6	12	17	4	6
<b>Quebrada</b>	7	10	7	10	6
<b>Total Sistelo</b>	<b>61</b>	<b>765</b>	<b>864</b>	<b>79</b>	<b>77</b>

Fonte: OPP de Arcos de Valdevez e Ponte da Barca



Figura 17. Rebanho e capril da 5ª Lógica (empresa inovadora em Sistelo)



Figura 18. Entreajuda entre vizinhos na condução de vitelos entre a branda e o lugar

A opção profissional pela atividade agro-silvo-pastoril, no caso de Sistelo, continua a ser um projeto familiar, que envolve o casal e outros familiares, frequentemente de várias gerações. Nesta dinâmica combinam-se propriedades, disponibilidade de trabalho, suporte mútuo e estratégias de conciliação do trabalho com a vida do agregado familiar, essenciais para a organização do trabalho e para garantir a execução de tarefas que, no caso da criação de animais, são diárias e inadiáveis. A substituição do esforço humano pelo uso de máquinas, que tem permitido facilitar o trabalho, nem sempre é possível. A entreajuda entre vizinhos, em momentos de maior exigência de trabalho, mantém-se relevante e pode mesmo ser um requisito para assegurar o êxito de tarefas mais sensíveis, como é o caso da condução de vitelos entre diferentes pontos da montanha.

A atividade agro-silvo-pastoril tem de responder às necessidades económicas das famílias, que são hoje substancialmente maiores do que no passado. Entre receitas de vendas e subsídios ao rendimento, a atividade tem de garantir aos produtores um nível de vida adequado às exigências atuais, principalmente quando há filhos menores ou a estudar no ensino superior. A dimensão de efetivo considerada viável para uma família de dois adultos com dois filhos menores oscila entre 40 e 100 vacas: “No mínimo dos mínimos, 40 vacas” (H, 59); “100 animais para uma família com dois filhos, e nem chega” (M, 67). Por referência a um efetivo de 50 animais dizia uma criadora: “Com o subsídio, dá para nós,

que somos dois, agora com os filhos tem de ser o dobro, senão não dá.” (M, 67). Torna-se evidente que a opção profissional pela criação de gado como atividade principal não é compatível com a dimensão tradicional dos efetivos, bastante menor. Com a ampliação do número de cabeças de gado por criador o sistema produtivo tem de ser adaptado, afastando-se do modelo tradicional. As mudanças são assim sintetizadas:

*“Muda tudo...a primeira coisa é termos de comprar penso, não conseguimos ser autossuficientes na alimentação dos animais; depois tem de ser tudo mecanizado, para chegarmos com o alimento aos sítios. Depois onde colocamos os animais... muda tudo, tem de mudar tudo, porque uma coisa é cuidar 8 animais ou 10 animais e outra coisa é ter 40 ou 50 animais e ter que os cuidar todos os dias.” (H, 37).*

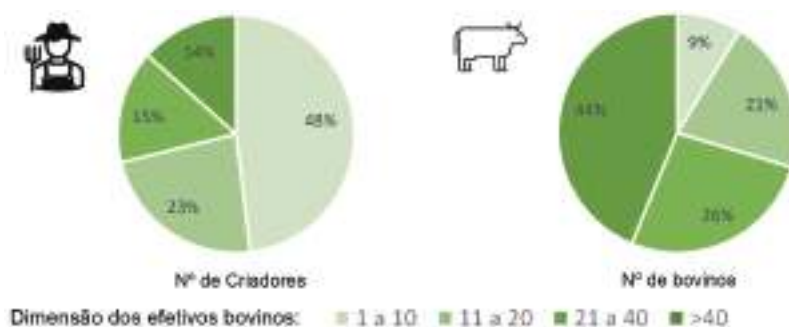


Figura 19. Distribuição dos criadores de gado e dos bovinos por tamanho dos efetivos na exploração em 2019.

Fonte: OPP de Arcos de Valdevez e Ponte da Barca

Este crescimento de efetivos não acontece em todas as explorações. Dependendo dos objetivos que as famílias definem para a sua dedicação à atividade agro-silvo-pastoril varia o número de cabeças de gado que possuem. Os pequenos criadores, com menos de 10 vacas, são quase metade do total de criadores. Em contrapartida, os grandes bovinicultores, embora menos numerosos (14% do total) são responsáveis por quase metade do efetivo bovino da freguesia (44%).

A atividade agro-silvo-pastoril contribui para a economia local, mas também para a preservação da cultura, das tradições de comunidade, da paisagem e da

natureza. Estes benefícios e funções são melhor alcançados a partir da diversidade de produtores, incluindo os pequenos e os grandes, os mais novos e os mais velhos.

## **A viabilidade económica e social da agro-silvo-pastorícia**

A Política Agrícola Comum (PAC) é uma das políticas mais importantes da União Europeia e tem fortes impactos no meio rural e nas dinâmicas da agricultura. São diversos os objetivos destes apoios, desde compensar os agricultores de zonas desfavorecidas, preservar raças autóctones, estimular o papel positivo da agro-silvo-pastorícia na conservação da paisagem e da natureza e manter as comunidades rurais vivas. No caso da montanha do Alto Minho os apoios definidos pela PAC têm-se tornado determinantes para a viabilidade económica da atividade e para dinamizar as aldeias. Esta centralidade é reconhecida pelas comunidades. No caso de Sistelo torna-se evidente nas expressões: *“Se não continuam [os subsídios], não há nada para ninguém”* (M, 54) ou *“[sem os subsídios]...estas aldeias vai tudo a zero”* (H, 59).

No atual enquadramento político o rendimento dos produtores deriva, maioritariamente, de transferências do Estado na forma de apoios à atividade, e menos do valor que conseguem obter no mercado com a venda dos produtos. Esta situação traz consigo alguns inconvenientes. Os agricultores sentem a insegurança de depender excessivamente de decisões políticas nas quais consideram ter pouca ou nenhuma influência. Por outro lado, a importância dos subsídios na agricultura veio alterar o modo como a sociedade avalia a atividade e os agricultores, com o aparecimento de correntes de opinião depreciativas, onde se subentende a ideia de um ganho fácil. Uma noção que contrasta com o que podemos observar em Sistelo, e que está bem presente nas palavras de uma criadora de gado, quando lhe perguntávamos quais das tarefas agrícolas eram as mais leves de fazer: *“Eu, olhe que eu, infelizmente, não sei qual é a mais leve! A gente trabalha muito! De noite a noite!”* (M, 72). Também no que se refere à apreciação dos valores dos apoios, os agricultores mostram o seu desconforto: *“As pessoas pensam que nós temos rentabilidade total, [que] não gastamos um euro com os animais (...); o problema é a mentalidade...”* (H, 37).

A PAC tem vindo a apoiar os produtores que mantêm raças autóctones em risco. Estão neste caso a raça Barrosã e a raça Cachena da Peneda, entre os bovinos, e a raça Bravia, entre os caprinos. Além de serem um património genético a conservar, são animais particularmente adaptados às condições montanhosas do noroeste do país e com uma qualidade diferenciada. Em Sistelo ainda encontramos efetivos destas três raças. No caso dos bovinos, que pastoreiam livremente no baldio, há a registar um elevado número de cruzamentos, resultando um significativo número de animais classificados como “indiferenciados”.

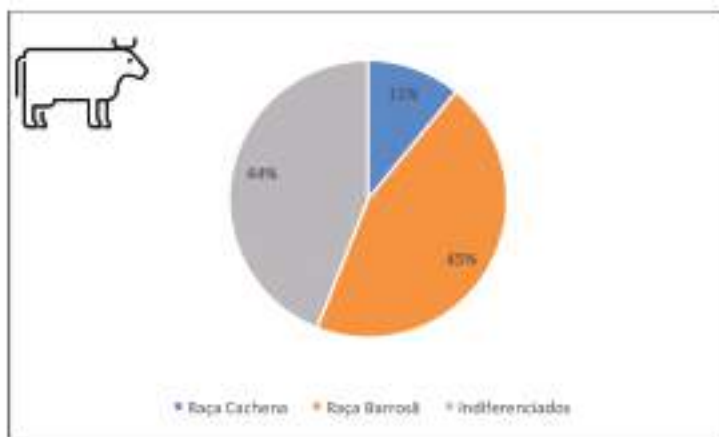


Figura 20. Bovinos criados em Sistelo quanto à sua raça, em 2017

Fonte: FERA - Federação Nacional das Associações de Raças Autóctones

A valorização dos produtos agrícolas pelos consumidores, através de circuitos comerciais que reconheçam a qualidade diferenciada dos produtos e os sistemas de produção agrícolas mais sustentáveis, é uma das formas de melhorar a situação económica dos agricultores através dos mercados. No caso da montanha do Alto Minho esta estratégia concretizou-se com a criação de Denominações de Origem Protegida (DOP) legalmente reconhecidas em toda a União Europeia.

Na montanha do Alto Minho destacam-se as DOP Carne Barrosã e a DOP Carne Cachena da Peneda, cujas áreas geográficas se sobrepoem parcialmente.





Figura 21. Áreas geográficas de produção das DOP de carne de bovino que incluem a montanha do Alto Minho

Fonte: DGADR

As denominações de origem protegida asseguram aos consumidores, quer na restauração quer na distribuição, a autenticidade da carne no que se refere aos territórios de origem, à raça dos animais e ao sistema de produção. Os requisitos de reconhecimento de um animal para ser comercializado como DOP são específicos caso a caso.

Quadro 5. Critérios de idade e peso definidos nos cadernos de especificações para carne de vitela

	Carne Barrosã – DOP	Carne Cachena da Peneda – DOP
Idade dos animais	5-9 meses	4-9 meses
Peso ao abate	70kg a 130kg de peso de carcaça	70kg a 120kg de peso vivo

Fonte: DGADR

Para além da visibilidade comercial destas marcas, e da sua afirmação junto dos consumidores, interessa averiguar em que grau estão a permitir aos produtores da montanha obter um maior valor nas suas vendas. Do ponto de vista deste

critério a informação recolhida em Sistelo não é favorável, havendo evidências de uma redução nos valores pagos aos produtores ao longo das últimas décadas. Dizia um produtor:

*“Há 20 anos vendia-se um vitelo de 4 meses por 250€, e esse mesmo vitelo vende-se hoje por 150€! Ou muito esticando, por 170€! Muito esticando! Mas as farinhas dobraram, as rações dobraram (...) as despesas com a papelada praqui, prali e pracolá dobraram...”* (H, 59).

Os produtores de Sistelo vendem os vitelos ao desmame, com 3 a 4 meses, a comerciantes de gado ou em feiras locais, por preços que vão de um mínimo de 90€ a um máximo de 170€, valores inferiores aos preços do passado. Seria importante aumentar estes valores. Uma das formas será através do prolongamento do tempo de permanência dos vitelos na montanha, até alcançarem a idade e o peso requeridos pela DOP. Mas para se poder fazer a engorda dos vitelos nas explorações torna-se necessário dispor de capacidade de estabulação adequada. Atualmente os animais são estabulados em cortes tradicionais nos lugares, e nalguns estábulos mais recentes cuja construção só é possível em áreas aplanadas perto das brandas. Este tipo de estábulos, acessíveis ao trator e melhor dimensionados, são já atualmente um aspeto determinante para a viabilidade das explorações com efetivos maiores. No entanto, a sua construção neste tipo de territórios tem sido particularmente morosa e difícil, por estar condicionada por regulamentos que visam conservar a paisagem e a natureza.



Figura 22. Corte tradicional (Padrão)



Figura 23. Estábulo na Branda do Alhal

Outro fator que limita os benefícios das DOP para os produtores da montanha do Alto Minho é a exigência de pureza da raça, aferida por inscrição em registo zootécnico ou livro genealógico. Sendo as áreas de pastagem partilhadas pelas duas raças, em pastoreio livre, há um elevado número crias resultantes de cruzamentos entre barrosãos e cachenos que ficam excluídas das respetivas DOP. A combinação destes constrangimentos contribui para explicar o reduzido impacto económico direto que as DOP têm tido ao nível destes produtores.

A dimensão económica da atividade irá continuar a ser um dos aspetos determinantes para manter e atrair produtores que nela invistam os seus capitais e os seus projetos pessoais e familiares. Igualmente importante é a forma como esta profissão e atividade são socialmente reconhecidos e dignificados. Quer os mecanismos de apoio e incentivo financeiro direto aos agricultores (“subsídios PAC”), quer aqueles que visam aumentar o valor dos produtos (como as DOP e outros que venham a ser criados), devem ser mais monitorizados e avaliados, para que possam melhorar os benefícios económicos e sociais que efetivamente trazem aos produtores.

## **5. Perspetivas futuras**

Os resultados apresentados mostram que a atividade agro-silvo-pastoril na montanha tem resistido e que está em permanente transformação. Num futuro próximo espera-se que os apoios da PAC continuem a ser relevantes para a atividade, com os produtores a serem cada vez mais chamados a garantir que as suas decisões e práticas acompanham as exigências da sociedade em termos qualitativos, ambientais e de bem-estar animal. Outra grande transformação poderá resultar do crescimento do turismo nas aldeias e na natureza. O turismo permite aos visitantes comprar ou consumir os produtos localmente na montanha, bem como observar os territórios e as práticas de produção in loco. Este olhar mais próximo cria oportunidades, mas também o desafio de continuar a corresponder às expectativas dos consumidores e visitantes.

Uma parte importante do valor da atividade agro-silvo-pastoril na montanha relaciona-se com a sua capacidade para usar os recursos naturais de forma harmoniosa, criando uma paisagem em que se combinam valores culturais, naturais

e turísticos. Estes valores envolvem uma elevada diversidade de áreas, quer no se refere ao tipo de propriedade, quer ao tipo de uso. Em Sistelo distinguimos:

- (1) áreas de cultivo privadas em torno dos lugares (socalcos ou leiras);
- (2) áreas de cultivo privadas nas brandas (campos, prados, poulas em altitude);
- (3) áreas florestais privadas (bouças/coutadas);
- (4) pastagens seminaturais de uso e propriedade coletiva (matos e prados do baldio);
- (5) áreas florestadas de uso e propriedade coletiva (floresta em baldio).

A manutenção desta diversidade é benéfica para a biodiversidade, por criar condições favoráveis às diversas espécies de flora e de fauna que aqui têm o seu habitat. Contribui também para aumentar a resistência destes territórios aos incêndios e para criar locais aprazíveis para lazer.



Figura 24. Campo privado na Branda do Alhal



Figura 25. Criador a vigiar os seus animais numa área de matos no Baldio

Como já antes mencionámos, Sistelo tem nos seus socalcos a principal atração turística e aquela que mais profundamente depende da continuidade da atividade agro-silvo-pastoril, sobretudo da bovinicultura. Quase todas as famílias residentes em Sistelo têm socalcos, e o seu cultivo tem vindo a orientar-se, cada vez mais para a alimentação animal. A área semeada com milho, que outrora ocupava quase todos os socalcos, tem vindo a diminuir. Alguns socalcos deixaram ser cultivados mas continuam a ser limpos. Em todo o caso, e principalmente nos lugares com população mais envelhecida, há já áreas de socalcos abandonadas, onde os matos e a floresta vão conquistando terreno.

A atividade agro-silvo-pastoril tem-se adaptado a várias circunstâncias e, para que o seu futuro seja mais promissor, interessa pensar de que forma se poderá tirar o melhor partido dos recursos que usa e assegurar a sua continuidade, com o envolvimento das novas gerações. As soluções a construir devem contribuir para o desenvolvimento sustentável das aldeias de montanha e das comunidades, das quais agricultores e criadores de gado fazem parte. A ideia de sustentabilidade implica olhar para o futuro e perceber tomar hoje decisões, não só para os próximos anos, mas pensando já nas gerações vindouras. Essas decisões devem procurar assegurar à comunidade uma economia próspera, justa para com todos e que proteja a natureza e os recursos naturais. As próximas décadas vão ser determinantes para se recuperar a sustentabilidade no nosso planeta, e as políticas europeias para a agricultura procuram ir ao encontro destas preocupações.



Figura 26. Objetivos da Estratégia “Do Prado ao Prato” da União Europeia.  
(Adaptado da brochura oficial da Comissão Europeia, 2019)

A agro-silvo-pastorícia da montanha do Alto Minho tem um papel central em todas estas dimensões da sustentabilidade, quer para os territórios locais, quer para a região e para o país. Para que esse papel seja mantido e melhorado importa ter presentes os múltiplos benefícios da atividade e conseguir que todos sejam assegurados. As pessoas da comunidade local são as primeiras a dar conta de que para se conseguir um objetivo às vezes pode-se estar a prejudicar outro. Por exemplo um aumento dos animais no monte, quer em número de cabeças, quer no tempo de pastoreio, pode diminuir a quantidade de pasto no futuro. A dificuldade da sua renovação nalguns pontos da serra preocupa algumas pessoas de Sistelo:

*“Os animais estão sempre naquela área, e a pastagem não se renova, tão simples quanto isso. Os animais estão lá todo o ano, sempre na branda, a pastagem nunca vai renovar, é impossível que a semente caia no chão...”*  
(H, 37).

Esta atenção aos recursos naturais, por vive perto deles e com eles trabalha, é muito importante para a sua gestão sustentável.



Figura 27. Ligação entre os benefícios da agro-silvo-pastorícia

Nos territórios de montanha do Alto Minho há grandes exigências de conciliação entre as funções de produção, conservação e recreio. A agro-silvo-pastorícia contribui para todas essas funções, e é um componente central para a revitalização das aldeias. A continuidade da agro-silvo-pastorícia vai depender da melhoria da sua viabilidade económica e de se obter um maior apreço e prestígio da profissão. Consideramos que ambos podem ser favorecidos por um bom equilíbrio entre as várias funções da atividade e por uma maior aposta na sua complementaridade. Para esses efeitos deixamos algumas perspetivas a ter em conta nestas diferentes funções.

**Alimentos e Gastronomia:** além de manter a produção animal extensiva com raças autóctones, será interessante tirar partido das oportunidades criadas pelo turismo para recuperar algumas culturas tradicionais ameaçadas, com variedades regionais, contribuindo para uma maior preservação da (agro)biodiversidade e para uma gastronomia mais rica. Esta maior diversidade de produções vegetais, e também um maior número de espécies animais, reduz o risco de se tender para uma excessiva especialização em bovinicultura. Importa:

- Garantir que as terras e os montes continuam a produzir alimentos bons e seguros;
- Manter a qualidade dos produtos animais já consolidados (Carne Cachena da Peneda, Carne Barrosã) e ajustar a cadeia de valor para garantir margens comerciais vantajosas nos produtores da montanha;
- Diversificar produções animais (cabrito, anho, porco, aves);
- Recuperar produções vegetais com variedades regionais (feijão Tarreste, outras hortícolas, milho branco e centeio);
- Envolver a comunidade na proteção da autenticidade dos produtos quanto à sua origem territorial e processos sustentáveis de produção.

**Paisagem e Turismo:** uma agro-silvo-pastorícia com atividades de produção animal e vegetal variadas e ligadas às tradições e saberes locais valoriza a paisagem, tornando-a mais cuidada, bonita, e atrativa para quem lá vive e para quem procura a montanha para lazer e turismo. Com estas atividades produtivas mantêm-se os campos limpos, pode desenvolver-se o agroturismo e uma gastronomia mais rica. Importa:

- Manter e, nalguns casos, recuperar o cultivo dos socalcos e dos campos nas brandas;
- Manter património rural (muros, palheiros, regadios, espigueiros, moinhos);
- Facilitar aos criadores de gado a opção por estábulos novos, apoiando a sua construção e adequação à paisagem.

**Biodiversidade:** além de preservar diversidade de variedades regionais e raças autóctones, a atividade agro-silvo-pastoril contribui para manter espécies da fauna e da flora silvestres que se alimentam ou refugiam em áreas cultivadas e pastoreadas. O equilíbrio entre os usos agrícolas, pastoris e florestais favorece a riqueza em biodiversidade e protege-a dos grandes incêndios. Importa:

- Manter o pastoreio no baldio, gerindo o seu efeito sobre a vegetação e sobre o solo por forma a beneficiar ambos e a permitir a renovação dos pastos;
- Manter a recolha de mato e o uso de estrume, sustentando a fertilidade biológica dos solos e reduzindo a dependência de fertilizantes de síntese (adubos);

- Manter ou criar pequenas manchas com árvores autóctones no baldio, criando zonas de sombra para os animais, e defender a sua elegibilidade para apoios como área de pastoreio;
- Assegurar formas mais conciliadoras da criação de gado com a proteção do lobo.

**Identidade e Cultura:** a agro-silvo-pastorícia é uma atividade ancestral nestes territórios, que liga a comunidade de hoje aos seus antepassados e que enraiza as pessoas na terra e nos seus recursos, do rio às cumeadas, das casas aos campos e dos caminhos às brandas. As histórias que os mais velhos contam, e os saberes que deixaram aos seus filhos, são um património imaterial tão importante como os monumentos. É fundamental que os mais jovens guardem esta memória, e a melhor garantia de que isso aconteça passa por continuar a dar-lhe uso, juntando-a a novos saberes e técnicas. Importa:

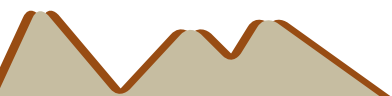
- Manter a comunidade envolvida na gestão dos seus recursos coletivos (baldio, regadios, a própria paisagem);
- Dar a conhecer o baldio e a atividade agro-silvo-pastoril aos estudantes da região e incentivar as novas gerações a valorizar e a proteger estes recursos e saberes;
- Recolher e valorizar histórias e saberes dos mais velhos sobre a comunidade e sobre as plantas, os animais e os montes, usando-as como recurso para o turismo e o ensino.

**Segurança:** um uso diversificado e equilibrado dos vários recursos naturais assegura vários benefícios para a estabilidade da vida social e da economia, à escala local e regional. O cultivo dos campos próximos dos lugares cria uma zona de proteção em relação ao fogo e animais selvagens e ajuda a manter trilhos e caminhos acessíveis a todos os utilizadores; o pastoreio e a recolha de matos nos montes reduz o risco de grandes incêndios; a diversidade de produções torna a atividade agrícola menos exposta aos efeitos das alterações climáticas; a segurança económica local é beneficiada pela complementaridade entre a agro-silvo-pastorícia e o turismo; o uso agro-silvo-pastoril não intensivo da montanha garante uma boa gestão da água e dos solos e pode contribuir para reduzir o problema das alterações climáticas. Importa:



- Manter os socalcos cultivados e os seus muros de suporte, evitando deslizamentos de terras e formação de correntes torrenciais;
- Assegurar que o pastoreio se complementa com áreas florestais autóctones;
- Assegurar que as pessoas da comunidade que já não se dedicam à atividade agrícola continuam envolvidas na gestão de recursos (como por exemplo o baldio) tendo em conta a importância que estes têm para a sua segurança económica e física.

As pessoas da comunidade local reconhecem a importância de manter a agro-silvo-pastorícia e a vantagem de aumentar as complementaridades entre as suas várias funções. Em Sistelo, como em muitas outras aldeias de montanha do Alto Minho, há que aprofundar as ligações entre agro-silvo-pastorícia e turismo, potenciando ambas as atividades e assegurando que se complementam entre si. Para além disso é importante que as comunidades e os atores locais passem a ter estratégias de comunicação que tornem mais visível o papel central dos agricultores, dos baldios e da comunidade na manutenção destas funções, através de informação para os visitantes in loco e no mundo digital. Para se avançar neste caminho interessa continuar a trabalhar em rede e lado-a-lado, envolvendo decisores, investigadores, técnicos, produtores e comunidades na construção das soluções concretas para um desenvolvimento efetivamente sustentável em termos sociais, económicos e ambientais.



## 6. Referências

Alves, P. e Graça, M. (coord.), 2019, *Estratégia Regional para a Paisagem do Alto Minho-Rewilding Alto Minho Landscapes*, CIM Alto Minho, Viana do Castelo.

Aguiar, C. et al. (2009). A Montanha. In Pereira, H. et al. (edts), *Ecosistemas e Bem-Estar Humano - Avaliação para Portugal do Millennium Ecosystem Assessment*, Escolar Editora: 293-337.

Comissão Europeia, 2019, *Do prado ao prato: pacto ecológico europeu*, CE, Bruxelas.

Honrado, J., et al. (2017). Conservation Management of EU Priority Habitats after Collapse of Traditional Pastoralism: Navigating Socioecological Transitions in Mountain Rangeland, *Rural Sociology* 82(1) 101–128.

Madureira, L., et al. (2013). *Economia dos Serviços de Ecossistema – Um guia para conhecer e valorizar serviços de agroecossistemas em áreas protegidas de montanha*, Lisboa: Quercus.

Mateus, A. (coord.) (2013). *Estratégia e Plano de Ação Alto Minho 2020 – Relatório Final*, CIM Alto Minho, Viana do Castelo.

Moreira, F., Lomba, A. (2017). A importância da agricultura na preservação da biodiversidade, *Cadernos de Análise e Prospetiva*, Gabinete de Planeamento, Políticas e Administração, 8: 39-45.

## 7. Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos

ARDAL - Associação Regional de Desenvolvimento do Alto Lima

CIM-AM - Comunidade Intermunicipal do Alto Minho (CIM-AM)

AFL – Associação Florestal do Lima

DGADR – Direção Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural

DGAV – Direção Geral da Alimentação e Veterinária

DOP – Denominação de Origem Protegida

ERPAM – Estratégia Regional para a Paisagem do Alto Minho

FERA – Federação Nacional das Associações de Raças Autóctones

H – Homem

INE – Instituto Nacional de Estatística

M – Mulher

OPP – Organização de Produtores Pecuários

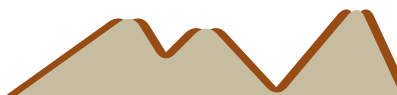
PAC – Política Agrícola Comum

PAF – População Agrícola Familiar

PDR2020 – Programa de Desenvolvimento Rural 2014-2020

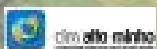
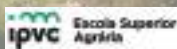
QFam - Questionário direto a representantes das famílias de Sisteló

UE – União Europeia





PARCEIROS:



COOPERATIVA AGRÍCOLA  
ARCOS DE VALDEVEZ E PONTE DA BARCA



FINANCIAMENTO:

